



INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS

CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

FLÁVIA MARIA DO NASCIMENTO LIMA ALVES

***A FALÊNCIA, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: RUPTURAS DE PERFIS SOCIAIS
E DE COMPORTAMENTO NA CONFIGURAÇÃO DE PERSONAGENS
FEMININAS***

ACARAPE

2024

FLÁVIA MARIA DO NASCIMENTO LIMA ALVES

***A FALÊNCIA, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: RUPTURAS DE PERFIS
SOCIAIS E DE COMPORTAMENTO NA CONFIGURAÇÃO DE PERSONAGENS
FEMININAS***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira, como parte das exigências para a
obtenção do título de Docente em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Monalisa Valente Ferreira

ACARAPE

2024

FLÁVIA MARIA DO NASCIMENTO LIMA ALVES

***A FALÊNCIA*, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: RUPTURAS DE PERFIS
SOCIAIS E DE COMPORTAMENTO NA CONFIGURAÇÃO DE PERSONAGENS
FEMININAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte das exigências para a obtenção do título de Docente em Língua Portuguesa.

Aprovado em: 11/07/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Monalisa Valente Ferreira (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof^a. Dra. Andrea Cristina Muraro

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira -UNILAB

Prof. Dr. Carlos Eduardo Bezerra

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira -UNILAB

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Alves, Flávia Maria do Nascimento Lima.

A482f

A falência , Júlia Lopes de Almeida: rupturas de perfis sociais e de comportamento na configuração de personagens femininas / Flávia Maria do Nascimento Lima Alves. - Redenção, 2024.
34f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Instituto de Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

Orientador: Prof^a Monalisa Valente Ferreira.

1. Almeida, Júlia Lopes de, 1862-1934. 2. Literatura brasileira. 3. Personagens literários. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 808

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
As nuances do Realismo na literatura brasileira e sua presença na obra literária de Júlia Lopes de Almeida	13
Desafios femininos e a retratação literária: uma análise de A Falência	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

Dedico este trabalho a Deus; sem Ele eu não teria capacidade para desenvolver este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao tecer cada linha deste trabalho, lembro sobre a graça de Deus em minha vida, pois 2023, entre tantos outros anos de minha vida, foi desafiador, mas também um ano em que precisei enfrentar a mim em todas as minhas vertentes, vivenciei inúmeras crises de ansiedade, afloramento do transtorno compulsivo (TOC) relacionado à perfeição, principalmente a que estimava proveniente de minhas ações individuais frente à vida e aos meus comportamento, enquanto Sartre diz que *o inferno são os outros*, digo que vivi o meu próprio e em seus momentos, fizeram-me paralisar por um certo tempo. Nesse meio termo, crises de pânico assolaram-me, mas Louvo a Deus pela escrita de cada página desse trabalho, pois sei que Ele tem me sustentado! Agradeço ao meu Esposo Aias, que me ajudou dando-me o suporte necessário para que houvesse a escrita deste trabalho. Agradeço à minha prima Marília, por ajudar-me na correção. Minha imensa gratidão à minha orientadora Monalisa, por ter paciência e zelo em todo o percurso até chegar aqui, seja indicando teóricos, livros e obras, as quais pude encorpar e dar forma a tão sonhada e esperada elaboração deste TCC; com todo o meu respeito e admiração, meu muito obrigada! À minha psicóloga Cidinha por me aturar falando desse TCC, obrigada por ser escape em tempos difíceis. À minha sogra Elizabete e meu sogro Raimundo Nonato, meus sinceros agradecimentos por todo o auxílio com todo o esforço, na forma que podiam, mesmo diante das dificuldades, para me manter na Universidade, com dinheiro e encorajamento! Amo vocês. Aos meus Pais Willame, Fé e minha irmã Criscia, obrigada por serem farol em meio a tempestade, por serem inspiração e fonte de força na caminhada, devo à minha existência e tudo o que sou a vocês que são o sinônimo de amor em minha história.

RESUMO

A presente monografia tem como base o estudo da obra *A Falência* da escritora Júlia Lopes de Almeida, publicada em 1901. O estudo possui como eixo central a análise das rupturas de perfis sociais que permeiam a sociedade da época representada no romance. Dentro deste ponto de vista, a pesquisa será estruturada em uma abordagem qualitativa, incorporando o viés exploratório e descritivo nas observações dos elementos intrínsecos ao romance em questão, articuladas a análise de contexto histórico-sociológico de amparo no entendimento das matrizes estéticas e de valores da época de composição da obra. Configurado em um estudo bibliográfico, nessa dinâmica será abordado o conceito sobre o antirromantismo em *A Falência*, principalmente no que concerne à retratação das personagens femininas na narrativa. Desta forma, foram utilizados autores como Mendonça (2003), Construbar (2009), Galindo (2021) e Muzart (2014) que analisam as personagens do referido romance e também outros dados sobre textos de autoria feminina. A metodologia usada durante a pesquisa adentra as bases analíticas da percepção subjetiva dos autores mencionados, dialogando com o teor crítico dos conceitos abordados.

Palavras-chaves: *A Falência*. Júlia Lopes de Almeida. Literatura Brasileira.

ABSTRACT

This paper is based on a study of the novel *The bankruptcy* by the writer Júlia Lopes de Almeida, published in 1901. The central theme of the study is the analysis of the ruptures in social profiles that permeate the society of the time represented in the novel. From this point of view, the research will be structured around a qualitative approach, incorporating an exploratory and descriptive bias in the observations of the intrinsic elements of the novel in question, articulated with an analysis of the historical-sociological context to support an understanding of the aesthetic matrices and values of the period in which the work was written. Configured as a bibliographical study, this dynamic will address concepts of anti-romanticism in *The Bankrupt*, especially with regard to the movement of female characters in the narrative. In this way, authors such as Mendonça (2003), Construbar (2009), Galindo (2021) and Muzart (2014) were used to analyze the characters in the novel, as well as other data on texts written by women. The methodology used during the research goes into the analytical bases of the subjective perception of the authors mentioned, dialoguing with the critical content of the concepts addressed.

Keywords: Brazilian Literature. Júlia Lopes de Almeida. *The bankruptcy*

Quero escrever um livro novo, arrancado do meu sangue e do meu sonho, vivo, palpitante, com todos os retalhos de céu e de inferno que sinto dentro de mim; livro rebelde, sem adulações, digno de um homem. Se eu tivesse gênio, não me faltaria o resto, porque não escrevo por amor da turba ingrata, nem preciso da pena para ganhar a vida; sou rico e só escrevo por uma obsessão que me verga, tal como o furacão verga o caniço.

(Almeida, 2020, p.21)

INTRODUÇÃO

Em meados no século XIX, grandes rupturas aconteceram na sociedade, seja na arquitetura, ciência, na área filosófica ou na política. O mundo marcava sua nova era, a era politizada em que o pensamento crítico ganhou ênfase e a devida notoriedade que aquela sociedade, sob o estigma do desenvolvimento, necessitaria dar ao que se propalava ser o conhecimento e os estudos científicos. Nesse processo marcado por várias mudanças, no Brasil houve uma ruptura no seu sistema de governo vigente, evidenciada pela saída da família real do país, e pela instauração da República, a descentralização do poder da coroa e construção do perfil industrial. Nesse sentido, o autor Costruba (2009, p.289) assevera sobre as mudanças no Brasil advindas com a instauração da República, mudanças essas articuladas ao pensamento da luta de classes e a circulação de ideias no sentido de consciência do trabalhador frente ao processo de exploração em sua instância engendrada do capitalismo.

A construção da sociedade libertária tornou-se uma forma de oposições ao ideário vivenciado dentro da elite brasileira com sua notória reivindicação de preceitos estabelecidos e valores. A dimensão de contradições da elite brasileira, de onde adivinha, por exemplo, muitos de seus intelectuais liberais, e do contexto do país recém-independente, com uma cultura exportada, postiza europeia, contribuiu para uma insurgência estrutural, acoplada a uma gama de prerrogativas sociais e culturais.

Como fundamenta Ribeiro (1987, p.18) “O sujeito ativo e desimpedido da poesia vanguardista coexiste com a ânsia generalizada de reconhecimento superior, própria ao *Ancien Régime* das dependências pessoais, originário do período colonial”. Desta forma, criou-se um arquétipo identitário com um perfil social adequado e valorizado, em que o homem, senhor de fazendas, era a imagem propulsora e idealizada pela elite brasileira. Uma visão totalmente promissora para a criação de mercado idealizada por uma casta minoritária e favorecida dentro da sociedade, pois, com o fim da escravidão fomentou-se uma imagem desprestigiada associando ainda aos negros os trabalhos braçais.

Nesta construção de cenário e de sociedade em vias de transformar-se pelo final da escravidão, a cidade como Rio de Janeiro fora marcada com grande crescimento urbano e industrial:

Na capital federal o lema era “o Rio civiliza-se”. O projeto de modernização

da cidade do Rio de Janeiro pretendia remodelar, sanear e transformá-la em uma cidade cosmopolita, semelhante a Paris, imprimindo-lhe novos hábitos de consumo, assim como incentivando o afluxo de novas idéias e de capitais estrangeiros. Para executar tamanha mudança na capital federal foi preciso botar abaixo a velha cidade colonial e apagar as marcas da influência portuguesa na arquitetura brasileira, considerada de mau gosto (Moreira, 200, p.04)

É nesse sentido que o Rio de Janeiro começa a se desenvolver, alinhando-se à classe burguesa, ou seja, à elite carioca, tal como Luís Filipe Ribeiro (1996) observa ao tratar aquele espaço do século XIX e as nuances da produção intelectual e fomento ao Romance. É nesse sentido de crescimento que se pode notar a presença da escritora Júlia Lopes de Almeida a qual vamos denominar JLA¹, com escritos sugestivos de uma orientação sobre entendimento da sociedade da época elaborada em suas narrativas. “Júlia cresceu, portanto, em um ambiente familiar onde o gosto pela leitura e pela escrita era estimulado. Sua irmã mais velha, Adelaide, compunha poemas que recitava nos saraus promovidos pelos pais, onde as outras irmãs, Maria José tocava piano e Adelaide cantava e declamava” (Engel, 2009, p.25-32). Atividades geralmente praticadas por mulheres da elite brasileira, a citação revela o meio onde JLA¹ estava inserida, bem como sua prática leitora e de escrita e as próprias obras de JLA¹ nos dão a conhecer construções sociais que permeiam a elite carioca do século XIX ao século XX. Segundo Norma Telles (1989, p. 73-83):

A literatura, que aos poucos foi ganhando traços locais foi escrita e lida, em geral, por homens, embora uma ou outra poeta seja já conhecida no século XVII. No século XIX, quando a urbanização formou camadas médias e leitores, a mulher tornou-se parte integrante do público e dos praticantes do ofício.

Consoante à citação anterior, a evolução da literatura ao longo do tempo, destaca uma mudança nos padrões de gênero dos escritores e leitores. Esse período marcou uma transição em que as mulheres começaram a ocupar um espaço mais proeminente no cenário literário, atribuindo em suas pautas de resistência e ocupação entre os diversos âmbitos da sociedade, atrelando a literatura a uma ferramenta de progressão constante de influência e aclaração, refletindo mudanças sociais e culturais mais amplas.

As mulheres situam-se, nesse quadro, como centro das atenções. É a elas que se concentram os olhares, enquanto público consumidor de romances. Mas, com a vertente conservadora que sustenta o sistema social, tais atenções visam, sem dúvida alguma, um objetivo pedagógico: ensinar-lhes o lugar da mulher (Ribeiro, 1996, p.53).

Embora as obras fossem majoritariamente lidas por homens, o cenário já havia começado a mudar, mulheres buscavam por seus direitos, ainda que a luta para reverter esses processos, que foram implantados durante muito tempo, seria uma alteração complexa. ¹Carmen Dolores (1852-1910), ³Maria Benedita Bormann (1853-1893),⁴Inês Sabino (1853-1911), ⁵Francisca Clotilde (1862-1932), ⁶Amélia Beviláqua (1863- 1946) e, também, Júlia Lopes de Almeida (1862- 1934), mesmo em contextos de preconceito diante das minorias foram inseridas na literatura e conseguiram desenvolver obras para além de seu tempo, como JLA¹, que apesar do cenário da época, conseguia publicar seus escritos em jornais como *A mensageira* e a *Única* (Muzarte, p. 134-141, 2014). A escritora foi, por exemplo, uma defensora ativa dos direitos das mulheres e possuía uma extensa crítica social em suas obras. Ela expôs em seu conto “Os Porcos”, dedicado a Artur Azevedo, sobre

¹ Referencial para o nome Júlia Lopes de Almeida. (JLA)

² Carmen Dolores (1852-1910) Ela foi uma escritora naturalista e contista brasileira, que assinou como Carmen Dolores como forma de proteger sua obra. Segundo uma de suas crônicas escrevia apenas esporadicamente, mas após o falecimento de seu marido a necessidade financeira a levou a escrever. Entre os anos de 1905 e 1910, sua morte, figurou como contista frequente no periódico “O País” (Biguelini, 2023).

³Maria Benedita Bormann (1853-1893) A partir de 1879, Maria Benedita adota o pseudônimo de Délia nos seus escritos para a imprensa. Até o seu falecimento, ocorrido em 23 de julho de 1895, a escritora será colaboradora recorrente em diversos periódicos como Sorriso, Cruzeiro, Brasil, Gazeta da Tarde, Gazeta de Notícias, O País, A Família, O Tempo, A Notícia, entre outros. Em letra redonda irá publicar ao menos sete romances, a maioria em folhetins, sendo alguns reunidos em volume posteriormente, além de contos breves e crônicas esparsas (Barbieri, 2020, p.78).

⁴Inês Sabino (1853-1911) Seu nome completo era Maria Inês Sabino Pinto Maia. Poetisa e romancista baiana que escreveu um dicionário de autoria feminina brasileira (Biguelini, 2022)

⁵Francisca Clotilde (1862-1932) Teve presença marcante na área da educação como professora na Escola Normal, sendo a primeira mulher a lecionar; como diretora do ensino primário e depois como fundadora de uma escola mista, o Externato Santa Clotilde. Participou ativamente em vários periódicos, dentre eles “A Quinzena”, que fazia parte do Clube Literário. Em 1906, ela fundou juntamente com sua filha Antonieta Clotilde a revista “A Estrella”. (Biblioteca Pública Estadual do Ceará, [s.d]).

⁶Amélia Beviláqua (1863- 1946) iniciou cedo sua vida literária, quando estudante em São Luís. Colaborou com o jornal do colégio, publicando contos e poesias. Em 1889, publicou trabalhos em jornais de Recife e na Revista do Brasil de São Paulo. Atuou, também, como redatora oficial da revista Lyrio, de Recife, em 1902. Foi ocupante da cadeira 23 da Academia Piauiense de Letras 247 e patrona da cadeira 48 da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno-Ceará. De sua obra, constam crônicas, contos e poesias e romances – todos eles publicados em diversos jornais e revistas do país. (Mendes, 2007, p.151)

gravidez indesejada e fora do casamento com o filho do patrão, tema esse escondido para época:

A sua ideia era ir ter o filho na porta do amante, matá-lo ali, nos degraus de pedra, que o pai havia de pisar de manhã, quando descesse para o passeio costumado. Uma vingança doida e cruel aquela, que se fixara havia muito no seu coração selvagem. (Almeida, 2023, p.46)

O engajamento da escritora nas questões sociais e feministas foi evidente em seus escritos, nos quais abordou temas como a educação feminina e a crítica às normas sociais da época. “Foi assim que teve uma intensa participação em diversos periódicos como cronista, articulista e também como autora de romances que eram publicados como folhetins em jornais de grande circulação” (Engel, 2009, p.25- 32).

Ou seja, JLA¹ desempenhava um papel na representativa feminina dentro do rol de circulação em que era participante, seja na esfera jornalística, seja na construção de seus textos como a obra *A Falência* ou mesmo a *Memórias de Marta* ao qual fora seu primeiro romance. Nele percebe-se uma escrita detalhada, já de extenso valor, onde retrata a vida da protagonista Marta cronologicamente, desde sua infância, suas dificuldades e onde a personagem “Mãe” ganha um novo valor de significado de mulher, seja ela trabalhadora, esforçada, seja mãe solo. Nesse sentido, podemos ver em *A falência* também a evidência de caracteres de fortaleza no movimento das personagens femininas no transcorrer da narrativa com ênfase ao seu trabalho e sua labuta diária, revelando assim, o retrato de uma mulher como protagonista, independente e dissociada da imagem daquela inserida na elite.

Dentro desse contexto, também podemos destacar suas crônicas, as quais eram multifacetadas; refletiam não apenas sua habilidade literária, mas também seu compromisso com questões sociais e sua capacidade de observar e interpretar a sociedade em que viveu. A autora apresenta de forma predominante fatos que corroboram para um vislumbre da configuração vigente na época, referenciado a figura dos cerceamentos inerentes ao tal *ser mulher*. Deste modo, JLA¹ traz essa temática para o seu contexto criativo, uma vez que aproveitava de algo experienciado por ela, como por exemplo em sua colocação para a Academia Brasileira de Letras. Seu marido Filinto de Almeida obteve o direito de ter uma cadeira dentro da academia de Letras, pois JLA¹ não poderia, pois era vedada a presença da mulher:

Contudo, na listagem final Júlia Lopes de Almeida foi substituída por seu marido, o poeta, cronista, jornalista, teatrólogo Filinto de Almeida, sob a alegação «de que na Academia Francesa – modelo da nascente agremiação – não era consentida a entrada de mulheres (El Far, 2000, p. 54 apud Engel, 2009, p.28)

Ou seja, a relevância desse assunto para a realidade estrutural na sociedade é de suma importância, pois podemos utilizar esses marcadores ao longo do tempo para validar assuntos de extrema proeminência de lutas vivenciadas por mulheres em seu dia a dia, isto é, conflitos que são contra a inferiorização em seus locais de trabalho, seja por salários justos e equiparados, seja para ocupar espaços sem passar pelo crivo patriarcal e cerceador mediante juízos de valor por pertença a determinado gênero. O período colonial, por exemplo, deixou marcas onde a mulher era vista como um simples objeto sexual e para procriação. Nesse sentido, a autora possibilitou um olhar minucioso acerca dessa posição, inserindo personagens com voz ativa em seus escritos, com ênfase em certo protagonismo da mulher, trazendo as posições que elas poderiam exercer além de ser mãe ou dona de casa.

Os personagens abordados neste trabalho, a partir da leitura da obra *A Falência* serão examinados com destaques para nuances que convergem para a centralidade do antirromantismo no romance. Nesse contexto, a inclusão de autores como Muzart (2014) oferece uma perspectiva da crítica literária feminista valiosa pois nos aponta para as dificuldades enfrentadas pelas escritoras da época para estabelecer não apenas uma apreciação literária como mera fruição estética, mas também a literatura no sentido de profissionalização de escritores e de como a história literária brasileira em diversos momentos contribuiu, seguindo a lógica de cerceamentos sociais, no apagamento de literatas, tal como a escritora aqui contemplada no trabalho. Ao denunciar essa negligência histórica, a pesquisa direciona-se ao processo de visibilização de estudos direcionados a escritoras cujo legado foi obscurecido ao longo do tempo.

Desta forma, quando Muzart (2014) faz levantamento de mulheres esquecidas, que foram, na nossa percepção, colocadas em uma espécie de limbo literário, propõe que possamos analisar como estereótipos permeiam até hoje no silenciamento de mulheres. Nessa perspectiva, trabalharemos também com a autora Mendonça (2023), que analisa os aspectos do matrimônio e instrução na vida das mulheres, elementos estes necessários para entendermos as temáticas estabelecidas na obra analisada e na vida da própria autora.

Mendonça destaca os constructos sociais que contrapõe a noção de amor romântico em voga ainda na contemporaneidade e indica que, na obra *A Falência*, o casamento é apresentado como uma estratégia de ascensão social para a personagem principal. JLA¹ descreve Camila como alguém de origem humilde, mas com uma boa educação, especialmente no que diz respeito às habilidades domésticas. A beleza e a seriedade da personagem a torna esposa considerada ideal para Teodoro, que está começando a construir sua fortuna.

Assim, instrução básica, atributos físicos, comportamento vincado em valores morais passam como elementos de inserção social dentro de uma elite. Pensando nisso, a pesquisa busca verificar como tais estereótipos ou imposições sociais influenciam até hoje no contexto da mulher na sociedade, bem como nos aspectos sociais e culturais. Portanto, privilegamos uma estrutura para ponderar sobre a estética reinante à época, na verdade, uma confluência de movimentos, os quais ponderamos o trânsito do Realismo e do pré-modernismo se alocados o período de consecução de obras da escritora.

As nuances do Realismo na literatura brasileira e sua presença na obra literária de Júlia Lopes de Almeida

O Realismo no Brasil foi um movimento literário que se desenvolveu principalmente na segunda metade do século XIX, sucedendo o período romântico. Esse movimento foi marcado por uma abordagem mais objetiva da realidade, afastando-se do idealismo romântico e buscando retratar de maneira mais fiel e crítica a sociedade brasileira da época

Os escritores realistas buscavam representar a realidade de forma objetiva e verossímil, afastando-se da idealização romântica. As narrativas eram mais ancoradas na observação da vida cotidiana e nas condições sociais. Para uma melhor compreensão, elegemos a visão sobre o dado realista na perspectiva do crítico Alfredo Bosi. No contexto do Realismo brasileiro, Bosi (1970) destaca o compromisso com a observação da realidade cotidiana, a tentativa de representação mais fidedigna dos costumes da sociedade e a ênfase em temas como o determinismo social, a crítica aos valores burgueses e a abordagem mais objetiva da realidade. Bosi também ressalta que o Realismo no Brasil foi marcado por uma mudança no foco da narrativa, deixando de lado a idealização romântica para abordar a representação do real.

O decênio que vai de 1868 a 1878 é o mais notável de quantos no século XIX constituíram a nossa vida espiritual. Quem não viveu nesse tempo não conhece por não ter sentido diretamente em si as mais fundas comoções da alma nacional. Até 1868 o catolicismo reinante não tinha sofrido nestas plagas o mais leve abalo; a filosofia espiritualista, católica e eclética, a mais insignificante oposição; a autoridade das instituições monárquicas o menor ataque sério por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionais do feudalismo prático dos grandes proprietários a mais indireta opugnação; o romantismo, com seus doces, enganosos e encantadores cismares, a mais apagada desavença reatora. Tudo tinha adormecido à sombra do manto do príncipe feliz que havia acabado com o caudilhismo nas províncias da América do Sul e preparado a engrenagem da peça política de centralização mais coesa que já uma vez houve na história de um grande país (Bosi, 1970 apud Romero et al., 1888)

Bosi traz ainda, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, um subcapítulo, *As letras como instrumento de ação*, em que explica os teores da literatura diante da realidade. O analista explora a transição do Romantismo para o Realismo e Naturalismo no final do século XIX e os meandros estéticos advindos do processo de interregno. Autores como Machado de Assis recebem atenção especial, com destaque para a representação crítica da sociedade brasileira e as experimentações literárias.

(...) O supremo cuidado estilístico, a vontade de criar um objeto novo, imperecível, imune às pressões e aos atritos que desfazem o tecido da história humana, originam-se e nutrem-se do mesmo fundo radicalmente pessimista que subjaz à ideologia do determinismo. E o que já fora verdade para os altíssimos prosadores Schopenhauer e Leopardi, não o será menos para os estilistas consumados da segunda metade do século XIX, Flaubert e Maupassant, Leconte de L'Isle e Machado de Assis.(Bosi, 1970, p.142)

Ao alinhar a estética realista à obra em análise percebe-se que a visão antirromântica está presente em *A Falência*, por meio da criação dos personagens e da estrutura contextual do enredo. Pensar nisso relaciona-se às análises realizadas sobre a perspectiva literária do Realismo, pois o período é marcado pela acentuação dos flagelos como a pobreza que afligem a sociedade da época, foco que a vertente literária realista aborda de forma crítica e num panorama em que a vida e a literatura se entrelaçam.

O painel social do livro *A Falência* foi espelhado no contexto vigente, nas mazelas sociais, as instituições falidas, entre outros aspectos até então negligenciados pela arte literária. Verifica-se na obra de JLA¹ essa tendência ao que é massivo e factual: pode-se ver o contraste da vida social, os burgueses em suas casas luxuosas e aqueles com menor poder aquisitivo geralmente menosprezados e a autora traz alguns elementos que tornam evidentes essa distância entre aqueles que estão à margem da sociedade e os privilegiados.

A novidade do meio dava-lhe um prazer de viagem: becos sórdidos, marinhando pelo morro; casas acavaladas, de paredes sujas; janelas onde não acenava a graça de uma cortina nem aparecia um busto de mulher; caras preocupadas, grossos troncos arfantes de homens de grande musculatura, e ruído brutal de veículos pesadões. faziam daquele canto da sua cidade, uma cidade alheia, infernal, preocupada bestialmente pelo pão. (Almeida,1901, p.47)

Nesse cenário, alguns autores como Machado de Assis, Raul Pompéia, Artur Azevedo, e a própria JLA¹, apresentam uma leitura refinada da época, refluindo aspectos de degradação social, com ditames que apresentavam aquilo que era considerado como certo ou errado no convívio social. Em *A Falência*, JLA¹ transcende a mera descrição superficial da sociedade, adentrando nas questões antes negligenciadas, temas como traição e abuso sexual, desafiando as convenções da época e apresentando uma visão corajosa ao expor temas interditos ou tabus da realidade social. JLA¹ também trabalha a contrapelo dos determinismos sociais, das crenças de heranças comportamentais que se sustentam no movimento naturalista da época e, na passagem a seguir, percebemos a ruptura com traços sustentados por escritores adeptos do Naturalismo. Ou seja, o esperado é refutado em *A Falência*, quando insere-se uma cena da atitude da personagem Nina que não age na lógica

comumente atribuída a uma repetição determinista: se é filha de prostituta inevitavelmente também trará esse comportamento.

Nina quis subir logo, mas uma lufada de vento obrigou-a a proteger a chama da vela com a mão, e com o gesto desprende-se-lhe uma ponta do chale que a envolvia. Na meia escuridade do vestibulo, Mário percebeu-lhe a doçura do ombro nu, pequeno, redondo, um pouco de carne virginal guardada até aí em um recato que nem o baile afugentara nunca. E já ele não viu senão a pureza daquele ombro acetinado, saindo do meio das lãs, como um desafio aos seus sentidos, num assalto impudico e voluptuoso.

Acudiu-lhe então a idéia perversa de haver um propósito malicioso naquela história. Não lhe afirmara Noca tantas e tantas vezes que a prima o amava?

A filha da mulher de má vida aí estava agora, como devia ser: livre de hipocrisias. Mário estendeu-lhe os braços. Nina compreendeu.

Uma onda de sangue subiu-lhe ao rosto; segurou o chale com força e subiu correndo. (Almeida, 1901, p.96)

Ao analisar a obra, pode-se associar JLA¹ como parte expressiva da escola realista, pois apresentava em suas obras frequentemente a vida urbana, as relações familiares e as dinâmicas sociais com um olhar crítico e colado à dimensão da representação do real. Preferia representar a sociedade expondo suas imperfeições e contradições, bem como acentuando situações possivelmente consideradas contundentes. Explorava a psicologia dos personagens de maneira mais densa, elaborando figuras mais complexas e em contraste com os estereótipos românticos.

Embora seja importante notar que os movimentos literários não são categorias estritas e muitas vezes os escritores compartilham características de diferentes correntes, JLA¹, em grande parte, alinhou-se com os princípios do Realismo ao abordar temas sociais e psicológicos de maneira mais crítica e objetiva, distanciando-se das idealizações românticas, tal como mencionado, e já enveredando para aquele interregno do pré-modernismo, com laivos de tons denunciatórios de valores morais descolados de uma realidade e que pareciam se sustentar em uma tenuidade duvidosa para o novo cenário republicano e econômico do Brasil.

Desafios femininos e a retratação literária: uma análise de *A Falência*

Júlia Lopes de Almeida foi uma escritora brasileira que viveu entre 1862 e 1934, durante um período marcado por profundas transformações sociais e culturais no Brasil. O país apresentava laivos de crescimento urbano e êxodo da zona rural, migrações estéticas na literatura mediante deslocamento de poderio econômico de algumas regiões, adequando-se a novas realidades como a industrialização e a insurgência de uma nova postura estrutural de resistência através da arte e de uma literatura direcionada e escrita por mulheres.

Reconhecida já em sua época – embora a posteridade tenha reservado um processo de apagamento na historiografia literária, JLA¹ foi recuperada novamente na contemporaneidade – por sua contribuição significativa à literatura, ela destacou-se não apenas por sua habilidade literária, mas também por sua atuação como uma das pioneiras na defesa dos direitos das mulheres. JLA¹ foi uma voz ativa em questões sociais e de gênero, refletindo essas preocupações em suas obras. Infelizmente não bastaram para impedir preconceitos como o de Olavo Bilac a sua noiva, Amélia de Oliveira. O poeta, em sua carta à então noiva, revela seu desgosto por ela publicar um soneto. E não só bastava o fato de publicar, mas o de ser escritora.

Minha Amélia

Antes de tudo, quero dizer-te que te amo, agora mais do que nunca, que não me saís um minuto do pensamento, que és a minha preocupação eterna que vivo louco de saudade. Já te disse que há mais de dois meses tinha eu vontade de te escrever em liberdade, para coisa urgente. Trata-se sito: não me agradou ver um soneto teu no Almanaque da “Gazeta de Notícias” deste ano. Não foi o fato de vir em um almanaque o soneto que me desagradou: desagradou-me a sua publicação. Previ logo que andava naquilo o dedo do Bernardo ou do Alberto. Tu, criteriosa como és, não o farias por tua própria vontade. Folguei muito, depois, vendo a minha previsão confirmada por D. Adelaide. Devo confessar que fui o primeiro a insistir contigo para que publicasses versos. Cheguei mesmo a dar alguns aqui, no

“Mercantil. Fiz mal. Arrependi-me. Há de concordar comigo. Há uma frase de Ramalho Ortigão, que é uma das maiores verdades que tenho lido: — O primeiro dever de uma mulher honesta é não ser conhecida. — Não é uma grande verdade? Reflete sobre isto: há em Portugal e Brasil cem ou mais mulheres que escrevem. Não há nenhuma delas de quem não se fale mal, com ou sem razão. Além disso, quem publica alguma coisa fica sujeito a discussão, cai no domínio da crítica. E imagina que mágoa a minha, que desespero meu, se algum dia um miserável qualquer ousasse discutir o teu nome! Eu, que chego a ter ciúme do chão que pisas, eu que desejava ser a única pessoa que te pudesse ver e amar, – ouvir discutido o teu nome. Ainda há bem pouco tempo, em São Paulo, um padre, escrevendo sobre Júlia Lopes, insultou-a publicamente. Eu nada tinha com isso. Mas tratava-se de uma senhora e mulher de um amigo meu: tive vontade de esmurrar o padre. E sem razão. Sem razão, porque uma senhora, desde que se faz escritora, tem de se sujeitar ao juízo de todos. Não quer isto dizer que não faças versos, pelo contrário. Quero que os faças, muitos, para os teus irmãos, para as tuas amigas, e principalmente para mim, — mas nunca para o público, porque o público envenena e mancha tudo o que lhe cai sobre os olhos. Teu noivo Olavo Bilac. (Eleutério, Maria de Lourdes, 1890-1930; destaque meu)

O “sem razão” explicitado na carta é sintomático de um pensamento cerceador de espaços considerados não aceitos para a mulher. A defesa às maledicências que o público fez a JLA¹, indicado pelo poeta, só se daria pelo fato de estarem direcionadas à esposa de um amigo de Bilac, não por concordância ao fato de ela ter direito a ocupar referidos espaços.

A contrapelo das críticas de seus coetâneos, a obra *A Falência* de JLA¹ oferece uma perspectiva diferenciada e sensível sobre a sociedade brasileira da época e solidifica seu lugar como uma figura de literatura de autoria feminina influente na elaboração estética e no ativismo social. O comprometimento de JLA¹ com as pautas feministas e suas obras atesta não apenas sua maestria literária, mas também seu papel vital na promoção da igualdade e na

crítica construtiva de sua sociedade. Em *A Falência*, podemos observar que a autora apresenta suas personagens com o intuito de instigar um posicionamento enfático de luta e resistência, propiciando a criação de perfis sociais estruturados em uma nova perspectiva, insurgindo para os personagens femininos prestígio e valorização dentro do contexto do enredo narrativo. Assim, percebe-se o olhar feminino diante do social, do reflexo e espelhamento da realidade da autora e de suas representatividades, a busca por legitimação da mulher no meio social.

A obra *A Falência* apresenta capacidade de transcender a barreira temporal e ainda ressoar com as questões sociais e morais contemporâneas. A narrativa da autora não se limita apenas à representação da sociedade brasileira do final do século XIX; ela explora aspectos universais da condição humana. Além de abordar o dia a dia de uma família, retrata o contraste de uma sociedade moldada nos princípios, em que a mulher nunca tem voz, e sim mãos para o trabalho de casa. Dos já assinalados elementos já referidos, caracterizados como antiromânticos, percebe-se abordagens de temas considerados trágicos como corriqueiros, a saber, o ato de adultério do marido de Camila indicado de maneira leve, que poderia acontecer de uma forma tão casual, claro que substanciado pelas condições de liberdade dos movimentos dos homens e a culpa no íntimo da mulher quando se invertem os papéis.

- Não importa. E as denúncias? e as cartas anônimas? e os ditos das amigas? Eu soube de muitas coisas e fingi ignorá-las, todas! Não é isso que a sociedade quer de nós? As mentiras que o meu marido me pregou, deixaram sulco e eu paguei-lhas com o teu amor, e só pelo amor! E assim mesmo o enganá-lo pesa-me, pesa-me, porque, quanto mais te amo, mais o estimo. É uma tortura, que parece que foi inventada só para mim!

(Almeida, 1901, p.32)

O personagem Gervásio é médico da família de Francisco Teodoro e vivencia um romance com a esposa do seu amigo, a personagem Camila. Os dois no percurso de grande parte da narrativa convivem com adultério de forma perceptível a todos, porém, os outros personagens se posicionavam de forma permissiva, não se opondo ou não delatando para Francisco Teodoro.

O romance descreve sobre o luxo que vivia Francisco Teodoro, dono de um armazém.

A narrativa constrói-se em torno da infidelidade cometida, como informado anteriormente, pelos personagens Gervásio e Camila. Dentro dessa estrutura, a obra tende a não ser sentimentalista, embora o tema sobre infidelidade possa atrair esse senso de paixão, amor e outros sentimentos que são provenientes do traço romanesco num sentido de justificação para o ato. JLA¹, ao abordar o assunto, nos mostra a inversão de papéis ou de comportamentos esperados na sociedade a depender do gênero. A autora utiliza para mostrar o enredo ganhando uma roupagem diferente dos romances da época.

Assim, o sentimentalismo exacerbado tão presente nos romances, escritos no período literário do Romantismo brasileiro, e ainda esperado e coexistente esteticamente na produção e circulação de obras da época, não é verificado em *A Falência*. Talvez isso justificado pela preocupação da escritora em observar e analisar situações da esfera social e possíveis mazelas advindas da própria elite brasileira. O reflexo dessa vontade da autora dispõe-se na coragem do posicionamento dela diante de um panorama em que o sexo feminino era visto como maternal, cuidador, do lar, sem a integração expressiva da mulher diante do conhecimento e que causa impacto pela forma destemida e inovadora, de modo que “Todos estes recursos do discurso nas crônicas de Almeida, unidos à sua coragem para opinar acerca de assuntos na pauta do dia da sociedade brasileira de então, fizeram parte do sucesso e da estratégia da autora Júlia Lopes de Almeida”. (Moreira, 2009, p.109-115).

Neste sentido, podemos entender o porquê de ser uma escrita tão detalhada, pois a JLA¹ permeava um teor progressista, enfatizando a necessidade da resistência e das modificações sociais, tanto ao escrever crônicas em folhetins para jornais, quanto para publicar seus livros e outros tipos de publicações. Nesta perspectiva, a obra externaria não somente um romance de época ou uma simples fruição estética. Sua narrativa adquire uma dimensão mais profunda, transformando-se em uma ferramenta de análise crítica da sociedade. Dessa maneira, sua obra documenta e questiona, tornando-se uma representação das complexidades sociais e políticas do contexto em que estava inserida.

Outro elemento marcante na obra, que se pode observar no âmbito da caracterização dos personagens masculinos é a formação da personalidade de cada um, como por exemplo, a esterilidade de atitude frente ao acontecimento da falência de Francisco Teodoro, que leva o mesmo a uma extrema depressão e acabou tirando a própria vida. A esposa poderia ter se desesperado, mas a narrativa revela firmeza diante daquele infortúnio, mostrando que a fraqueza e a dor não são características somente das mulheres mediante a perda de suas posses. Um personagem que ganhou enfoque comumente atribuído a personagens femininas é

o personagem Mário. Este, após seu casamento com a personagem Paqueta, mudou todo seu modo de agir, sendo assim comandado por sua esposa, um traço geralmente relacionado à mulheres que ideologicamente eram privadas de opiniões ou posturas de dominância.

Neste sentido, JLA¹ atribui traços também a personagens femininas como a traição sem remorsos, por exemplo, majoritariamente atribuída para o homem em narrativas até então elaboradas no percurso literário. JLA¹ trouxe isso para a personagem Camila, com um enredo reflexivo: e se fosse o contrário? Será que teria o mesmo espanto dos leitores ou simplesmente seria mais um livro descrevendo a vida normal de uma sociedade burguesa? Outra personagem que se movimenta também de maneira forte na narrativa é a Noca. Após toda a tragédia, continuou cuidando de uma família que não era sua de sangue, mas possuía vínculo afetivo, demonstrando através de seu trabalho, como lavar roupas e engomá-las, para trazer recursos para casa, mostrando a força das mulheres e expondo que sim poderiam se sustentar sem enveredar para prostituição ou casamento malfazejo. Também esse explorar na narrativa a classe trabalhadora e sua relevância, distinguindo-se das recorrentes tratativas nos objetos literários da elite com destaque. A personagem Nina é revelada, assim como Noca, nessa força motriz dos trabalhos e que no final da narrativa obteve um imenso papel de protagonista pois levaria o sustento para casa como cita JLA¹:

Só à Nina não sobravam horas para trabalhos de interesse; precisava dividir-se em todos os misteres domésticos; as cozinheiras não paravam, umas porque bebiam, outras porque achavam o ordenado mesquinho...Era um vai-vem cansativo, e ela sujeitava-se a tudo, pondo o encanto da sua paciência nos trabalhos mais rudes e pesados. Cumpria a sua missão de mulher, adoçando sofrimentos, serenando tempestades e conservando-se na meia sombra de um papel secundário. (Almeida, 1901, p.208)

Portanto, JLA¹ destaca-se pela habilidade em explorar em suas obras, as realidades plausíveis e palpáveis da sociedade sobre a qual escreveu. Ao imergir nas complexidades dos casarões e das relações sociais, a autora não apenas apresenta uma perspectiva de mundo vívida e autêntica, mas também oferece aos leitores uma visão penetrante das possibilidades e desafios que permeavam esses cenários. O ato de privilegiar temas controversos permeia a obra, evidenciando uma abordagem precisa, com enredo e estilo dentro dos parâmetros do

Realismo e já, por que não afirmar, com laivos configuradores de um pré-modernismo. Sua escrita transcende as aparências superficiais, permitindo que entrelinhas da realidade se manifestem de maneira palpável. Nesse contexto, a autora destaca fatos e tragédias como elementos intrínsecos à vida, fundamentados em um pensamento singular: a interconexão entre riquezas e a autoconsciência.

- Remorsos... remorsos de quê? Pensa, Gervásio, que, desde o primeiro ano de casado, o meu marido não me traiu também? Qual é a mulher, por mais estúpida, ou mais indiferente, que não adivinhe, que não sinta o adultério do marido no próprio dia em que ele é cometido? Há sempre um vestígio da outra, que se mostra em um gesto, em um perfume, em uma palavra, em um carinho... Eles traem-se com as compensações que nos trazem... (Almeida, 1901, p.32)

Logo, é sobre as personagens femininas a notoriedade dentro de toda desenvoltura do texto, com a constituição de personagem como Camila, que outrora tinha tudo e repentinamente perdeu ganhos financeiros, esposo que comete suicídio devido à falência de seus negócios, e, nesse processo de sobrevivência, a protagonista defrontou-se com a busca pelo próprio sustento. Destrói-se, desse modo, a visão idealizada de casamento sólido, família perfeita, antes do suicídio de Teodoro, visualizando a esposa como único trajeto da figura feminina em questão.

Por ser uma escritora mulher no começo de transição do século XIX-XX, a autora enfrentou muitas dificuldades, pois a figura feminina no campo da escrita era ainda predominante masculina, nesse sentido por muito tempo o nome de JLA¹ não teve seu devido reconhecimento ao qual lhe caberia jus a sua competência de escrita, como cita Marina Galindo:

Todavia, o nome de Júlia deixa de aparecer na lista oficial dos fundadores da Academia o que atesta, por sua vez, o quanto existências grandiosas podem tornar-se diminutas quando não correspondem aos padrões sobre os quais a sociedade se constrói e não cabem em moldes pré-concebidos, solidificados pelo tempo e

pela ratificação do discurso, que aprisionam e limitam tais existências, abafando a sua voz. (Galindo, 2021, p.77)

Ou seja, uma mulher como a escritora JLA¹, além de ser casada, tinha o seu papel dentro da sociedade como mulher que dominava as atividades domésticas e que também era culta, não limitando seu papel como escritora renomada. Neste sentido, o objeto central a ser estudado são essas relações que o texto retrata. Isto é, como a mulher é vista dentro dessa sociedade, e traz um aviso para elas que poderiam ser muito mais do que simples donas de casa, endossando o caráter de independência, por meio de modelos de personagens femininas que ganham destaque por mostrarem possibilidades de ocupação de espaços no mercado de trabalho. A personagem Rute, por exemplo, dava aulas de música e assim tinha uma posição que não era apenas associadas ao lar: “Uma tarde a mulata entrou com uma novidade: tinha encontrado uma discípula de violino para Ruth, a filha de um empregado público da vizinhança. (Almeida, 1901, p.207). Na narrativa, a temática explorada por muitos autores realistas destaca a hipocrisia e as convenções sociais associadas ao casamento. Eles exploraram casos de casamentos arranjados, interesses financeiros, relações infelizes e o contraste entre a imagem idealizada do matrimônio e a realidade vivida pelos personagens. Segundo Mendonça (2003, p.275-296):

Em *A falência*, o casamento surge para Camila como uma forma de assegurar o futuro. Era de família pobre, mas de educação (o que não significava instrução, mas conhecimentos de prendas domésticas), era bonita e grave e, por tudo isso, a esposa ideal para Teodoro, que começava a solidificar sua fortuna.

Neste sentido, a personagem tende a se casar para obter um futuro e sobreviver, pela atual situação imposta por uma vida incerta. Ou seja, “a idéia da necessidade de estudo para mulher estava presente, embora de forma pouco explícita” Mendonça (2003, p.281). Portanto, a escritora tende a demonstrar em sua escrita, que o casamento no ideário daquela sociedade era o correto a se fazer para conseguir um status considerado para uma boa vida, mas se o contrário acontecesse, o que lhes restaria?

Júlia Lopes de Almeida não propõe à mulher que negue o papel que a sociedade espera que desempenhe, de “esposa dedicada ao

marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo”, mas prevê a melhora do desempenho deste papel. Talvez esteja aí o segredo de sua aceitação: sem ir contra as regras estabelecidas pela sociedade para a mulher, usa essas mesmas regras como argumento para reivindicar condições que, sabidamente, dariam à mulher a independência em relação ao homem. (Mendonça, p.275-296)

Isso representa uma estratégia de conseguir aceitação de seus escritos e ideias, estratégia essa usada por algumas mulheres que escreviam no século XIX. Ou seja, a autora não está propondo que elas neguem completamente o perfil tradicionalmente esperado delas, isto é, o de serem esposas que cumprem papéis socialmente definidos como atributo da mulher, a saber os cuidados com o marido e crianças, e sem a obrigação de realizar trabalho produtivo fora do âmbito doméstico. No entanto, JLA¹ sugere uma melhoria na maneira como esse papel é desempenhado e, inclusive, na obra literária contemplada nesse estudo, há uma esfera de trabalhos informais executados por mulheres de classe média ou empobrecida por diversos quesitos, a exemplo da falência da família de Camila.

O segredo da aceitação dessa perspectiva, segundo Mendonça, reside no fato de que JLA¹ não desafiar abertamente as normas sociais estabelecidas para as mulheres. Pelo contrário, ela utiliza essas mesmas normas como base para reivindicar condições que poderiam proporcionar independência em relação aos homens. Em vez de se opor frontalmente às expectativas sociais, a autora parece sugerir que as mulheres podem buscar melhorias dentro do contexto dessas expectativas, usando-as como argumento para reivindicar uma posição mais equitativa e independente na sociedade verificado como estratégias de penetração de ideias sem desconformes ao *modus operandi* da sociedade da época, tal como explanado anteriormente.

Observa-se uma época em que as mulheres, a maioria delas dependia da renda do marido para sua sobrevivência, e no romance percebemos isso através da personagem Camila, que não trabalhava, e podia ter tudo que quisesse, ou seja uma autêntica esposa, como nas linhas da obra:

Tinham-se acostumado um ao outro, viviam em paz, quando a Sidônia reapareceu na vida de Teodoro, obrigando-o a desvios e infidelidades. Nem a pobre Camila desconfiara nunca... Também, nada lhe tinha faltado e já devia ser um regalo para ela cobrir de boas roupas o seu corpo de neve, ter mesa farta, e andar pela cidade atraindo as vistas, no deleite da sua graça... (Almeida, 1901, p.16).

Essa passagem é reveladora de como a autora percebia o mundo, com certo traço irônico ali expresso, ao qual vivia e como isso era visto pela sociedade, pois se a figura feminina já tinha um teto sobre sua cabeça ela já teria tudo. Desta forma, a esposa somente era necessária para ser uma representação na sociedade burguesa, ou seja, perceber que o romance é mais que uma simples história, e que se relaciona com a representação vivenciada na sociedade, com ilustrações estereotipadas em relação à figura da mulher, como um ser sexualizado e de importância somente para procriação. Neste sentido, a obra *A Falência* é uma representação visual e estrutural do cenário da sociedade e dos meandros desta que JLA¹ conhecia. Logo, o romance demonstra as inúmeras situações que remetem ao contexto social e explana práticas que permeiam os discursos.

Podemos utilizar esses marcadores como elementos usados para validar temas antes negligenciados e lutas vivenciadas por mulheres em seu dia a dia. A análise desses marcadores sociais não apenas lança luz sobre as desigualdades persistentes, mas também oferece uma base sólida para impulsionar mudanças significativas. Ao reconhecer e compreender a história das mulheres e as barreiras que enfrentaram, pode-se informar debates contemporâneos, moldar políticas inclusivas e promover uma sociedade mais equitativa. Essa abordagem crítica e reflexiva contribui não apenas para a compreensão do passado, mas também para a construção de um futuro mais justo e igualitário para todas as mulheres.

A autora possibilitou uma reflexão acerca dessa posição ao qual a mulher é submetida, observados o exercício de papel de mãe e dona de casa, bem como antecipa o trato de temas sobre etarismo e timidamente ensaia uma denúncia à perda de possibilidades de futuro para uma mulher que já se constitui como avó. Eis a percepção da protagonista dos entraves sociais e Camila traz a perturbadora tomada de consciência que o estado de viuvez e a condição matrimonial até então desconhecida do amante. Observa-se que Camila, embora relutante, ainda busca vivenciar uma história de amor protagonizada com Gervásio, porém, ao repensar em sua realidade, acaba retrocedendo ao campo de ideias em que sua idade não a permitiria viver esse amor, voltando para sua missão estruturalmente enraizada, cuidar da esfera doméstica nos papéis habitualmente atribuídos à mulher

Percebe-se na estruturação da narrativa que sua performance está em contrapartida com a visão de uma sociedade alinhada a um paradigma já vocacionado para o modelo burguês, e alinha-se a uma esfera social que está em ruínas no momento em que direciona-se a manter a boa aparência em uma agremiação que busca o elo perfeito, desta feita escondem suas mazelas criando a utopia de uma sociedade esplêndida. Já no âmbito da caracterização

dos personagens masculinos é a formação da personalidade de cada um observando-se a fragilidade e atitudes consideradas destemperadas diante das dificuldades, como por exemplo, a já mencionada histerismo de Francisco Teodoro em frente ao acontecimento da falência.

Outro ponto que podemos destacar é como os personagens estão dentro de uma mesma perspectiva, com suas performances dentro do contexto antirromântico, com a inexistência do sentimentalismo que os romances ditos tradicionais traziam, com amor e ternura e outras meiguices, estes destruídos com a construção de uma amostra totalmente do que seria o “certo” e o apropriado para a época, como o marido trair esposa e nunca de forma oposta; ou a mulher ser posta como a pessoa que traz o sustento para casa.

Sendo assim, o enredo que a autora escreve analisa os fatos de maneira sólida e mostra a realidade a qual poderia acontecer com qualquer mulher, identifica-se o posicionamento da autora dentro da obra, de forma ampla e analítica. Na Coleção Identidades em movimento literatura brasileira (Valdati; Bitencourt, 2023, p.27), há o conto *O caso de Rute* por exemplo, de JLA¹ percebe-se temas interditos na sociedade da época, a saber, explanar em narrativa o abuso sexual cometido pelo padrasto de Rute e as consequências disso para o futuro dela, seja sobre o pensamento acerca do casamento que poderia ser sua salvação, mas que no fim foi sua morte, por não se enquadrar acerca da perspectiva da sociedade, ou por não conseguir ser a mulher pura e casta ao qual já estava estigmatizada a ser pelo decurso da narrativa. Ela não buscava o perdão do noivo, único que ela contara sobre a violência perpetrada pelo familiar quando ainda era menina porque para a personagem, ela era vítima, não alguém que provocara a situação traumatizante. Rute se vê sem saída numa sociedade patriarcal, sendo ela mesma vítima da mesma. Com a morte da protagonista, o noivo profana em mais um ato de violência ao corpo da mesma: “Alucinado, ciumento, Eduardo arrancou então num delírio o véu e as flores de Rute, e inclinando um tocheiro pegou fogo ao pano da eça. E a todos que acudiram nesse instante pareceu que viam sorrir a morta em um êxtase, como se fosse aquilo que ela desejasse... (Almeida, 2023, p.36).

Rute, noiva de Eduardo Jordão, traz uma história trágica e que, por mais que escrita século atrás, é uma situação contemporânea, abusada sexualmente pelo padrasto, enxergou na morte a leveza da libertação da vítima de um crime, se tudo era corpo, e no caso violável como ela foi duas vezes, uma pelos atos imorais do padrasto, outra pelo atear fogo no cadáver, para essa sociedade, que esse corpo desapareça e a posse por assim dizer, destituída simbolicamente. Essa passagem evoca uma atmosfera de tragédia e simbolismo, onde as

emoções intensas e os atos extremos dos personagens convergem para um desfecho fatal. A alusão ao sorriso da morta em um estado de êxtase adiciona uma camada de complexidade ao evento, sugerindo uma interpretação subjetiva da cena exposta. A citação parece oferecer uma visão penetrante das dinâmicas psicológicas e emocionais dos personagens, ao mesmo tempo em que contribui para a atmosfera densa e dramática da obra. Ou seja, a autora Julia Lopes utiliza seus escritos não somente por escrever, mas pelo fato que ela poderia utilizar a escrita para ajudar mulheres que outrora não seriam ouvidas e vistas. E, de certa maneira, ao resolver procurar um modo de tirar a sua própria vida, infere-se o ato de vingança ao noivo, que ela esperava apoio diante do que ela vivenciara no passado, mas recebera uma carta de que a perdoava por ter sido violada.

Em outro conto denominado “Ânsia Eterna” (Valdati; Bitencourt, 2023, p. 21-26), podemos inferir através da conversa entre os personagens, a posição da autora sobre o sentimento que é escrever, que não seriam meras palavras para entreter o público, mas sim uma arte que precisaria ser vivenciada.

o que eu quero não é escrever meramente; não penso em deliciar o leitor escorrendo-lhe na alma o mel do sentimento, nem em dar-lhe comoções de espanto e de imprevisto. Pouco me importo de florir a frase, fazê-la cantante ou rude, recortá-la a buril ou golpeá-la a machado; o que eu quero é achar um engaste novo onde engrave as minhas ideias, seguras e claras como diamantes; o que eu quero é criar todo o meu livro, pensamento e forma, fazê-lo fora desta arte de escrever já tão banalizada, onde me embaraço com a raiva de não saber fazer nada de melhor. (Almeida, 2023, p.21)

Nesse sentido, a escritora JLA¹ particulariza sobre sua estilística, ao qual vai perdurar para outros cenários como a escrita do romance em análise. Podemos salientar que, embora a obra *A Falência* fosse datada de 1901, século XX, a autora traz um perfil refinado, por conta de seus estudos e por ser de uma família que tinha lhe proporcionado o requinte de estudar e ser uma escritora. Nesse contexto, o romance se configura como uma abertura para mulheres que, anteriormente, em suas mansões, com uma visão voltada para o bordado, podiam vislumbrar o futuro de forma realista e não apenas romantizada com meras ilusões. Portanto, podemos visualizar como a autora lutou por seu lugar e posição como escritora profissional “Mas o outro lado, o de quem produz literatura, que já beirava o profissionalismo, deste, a

mulher esteve excluída por preconceito, pela religião, pelos limites do papel que deveria desempenhar na sociedade burguesa”. (Muzart, 2014, p.134).

Segundo Muzart, a mulher sempre esteve aprisionada ao preconceito seja ele literário ou intrínseco às coisas comuns na vida como escrever, e JLA não estava fora dessa limitação, pois por muito tempo ela ficou esquecida, pois o trabalho em ser escritor eram destinados principalmente aos homens, porém esperava-se que as mulheres realizassem somente seus afazeres de casa, sendo assim, a autora de *A falência* não estava banalizando o sistema, mas de certa forma, estaria em interlocução com muitas que se encontravam naquela posição. Dito isso, ressalta-se a relevância da obra de JLA¹ como uma manifestação corajosa e crítica contra os preconceitos e limitações enfrentados pelas mulheres, tanto no âmbito literário quanto nas esferas cotidianas.

Ao abordar a questão do esquecimento prolongado de JLA¹ e a subjugação histórica das mulheres, Muzart destaca como foram por muito tempo relegadas a papéis restritos, especialmente no contexto da escrita, onde a atividade era, preferencialmente, reservada aos homens. Salaria a abordagem de JLA¹, ao evidenciar que, ao contrário de banalizar o sistema, a autora desafiou ativamente essas restrições por meio de seus escritos, trazendo pensamentos realistas e críticas construtivas.

Júlia Lopes de Almeida escolheu pintar a sociedade de sua época e o fez nos vários romances com agudeza e perspicácia. E não procurou pintá-la sem problemas, ao contrário. Mas a inclusão entre os escritores “sorriso da sociedade” talvez lhe tenha valido por retratar, preferencialmente, a sociedade da alta burguesia carioca - que foi o meio a que pertenceu. (Muzart, 2014, p.137)

Entretanto, como sinalizamos ao longo desse trabalho, a JLA traz personagens outros da classe trabalhadora não apenas aquelas advindas da pequena burguesia. Ela também serve como um farol para outras mulheres que poderiam se encontrar nas mesmas condições, oferecendo uma visão ampliada de suas possibilidades e uma inspiração para desafiar as normas sociais estabelecidas. Outro ponto que podemos citar da escrita da obra é sua maneira como escolhe o título do livro. Nota-se ao longo da história que a autora traz vários elementos que podem caracterizar uma falência do amor da personagem Camila com o Doutor Gervasio, ou a falência material e a consequente morte de seu marido, o personagem Francisco Teodoro.

Essa desconstrução da família rica da sociedade burguesa traz esse olhar sobre o significado de falência e como ela ganha vários sentidos dentro da narrativa como: falência do amor entre marido e esposa; falência da família e de moldes sociais, os quais o homem comumente é representado como o provedor; e falência das expectativas dos papéis socialmente construídos e atribuídos à mulher na configuração da autora das personagens femininas. *A Falência*, de JLA¹ é uma obra de uma estilística impactante que transcende as fronteiras literárias de seu tempo ao explorar as complexidades das relações familiares e as restrições impostas às mulheres na sociedade do início do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *A Falência* de JLA¹ é de suma importância para entendermos sobre alguns estereótipos que estão presentes até hoje em nossa sociedade. JLA¹ traz a escrita literária como ferramenta de resistência e de registro. A pesquisa teve a preocupação em destacar a importância de resgatar e reconhecer as contribuições das mulheres na literatura, especialmente aquelas que desafiaram as normas sociais de sua época.

A relevância de JLA¹ vai além do âmbito literário, estendendo-se o seu papel na quebra de estereótipos de gênero. Enfrentando as limitações impostas às mulheres da época, JLA¹ exerceu uma escrita que desvela meio de fortalecer a figura feminina em meio à sociedade. Sua obra não apenas entreteve, mas documentou e questionou, refletindo as complexidades sociais e políticas. Percebe-se que a escritora elaborou estratégias narrativas como provocação e adensamento da movimentação das mulheres do final do século XIX e início de XX com personagens femininas que, de maneira evidente ou camuflada, divergem do esperado em uma sociedade patriarcal.

Desse modo, a análise da obra *A Falência* revela a maestria da autora em explorar os temas sociais e psicológicos de maneira crítica e objetiva, afastando-se dos estereótipos românticos. A observação neste trabalho sobre uma obra de autoria feminina que reverbera o antirromantismo como marca estética destaca temas proscritos para o universo de escrita feminina à época, abordando questões como a decadência familiar, a infidelidade e as limitações impostas às mulheres. JLA¹ transcende a mera narrativa superficial e adentra nas complexidades das relações sociais, desafiando convenções e apresentando uma visão corajosa da realidade.

A pesquisa também procurou apresentar a posição progressista da autora, que mesmo enfrentando dificuldades por ser uma mulher escritora no início do século XX, utilizou sua escrita como uma ferramenta de denúncia das múltiplas facetas de desvalorização e alienação dos padrões burgueses. Sua obra não apenas entreteve, mas documentou e questionou, tornando-se um espelho reflexivo das complexidades sociais e políticas da época.

Ao examinar a posição das mulheres na sociedade da época, a pesquisa procurou ressaltar o papel de JLA¹ ao quebrar estigmas sociais e promover a ideia de que as mulheres poderiam ser mais do que apenas esposas e mães. A análise profunda das personagens femininas na obra, como Camila e Rute, evidencia a luta pela independência e pela superação de expectativas impostas pela sociedade.

Por fim, o trabalho refletiu sobre a relevância contínua da obra de JLA¹, não apenas como um retrato perspicaz da sociedade brasileira no início do século XX, mas também como um instrumento valioso para compreender e questionar as persistentes desigualdades de gênero. O legado da autora serve como inspiração para debates contemporâneos sobre a posição das mulheres na sociedade, destacando a importância de reconhecer e celebrar as vozes femininas na literatura do passado e dos elementos considerados de vanguarda para a tratativa da temática para uma época na qual a criação literária e temas considerados controversos eram muitas vezes vilipendiados se realizados por mulheres.

Neste sentido, a presente pesquisa teve como foco não somente a análise de uma literatura já com bases feministas, mas refletir como esses estereótipos envolvendo a relação de gênero desde muito tempo ainda possui seus desdobramentos sendo necessária atuação constante para modificar discursos cristalizados. Visualizar essas nuances dentro da obra de JLA¹ possibilita o trato com a memória literária e de um país, com observância do acervo histórico de resistência, luta e transformação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes. A **falência**. Rio de Janeiro: [s.e.], 1901.

BORGES, J. Do parnaso ao simbolismo. *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social*, v. 29, p. 205-224, 12 maio 2021.

BARBIERI, Cláudia. Contos na imprensa: Délia e a narrativa breve. **Letras em revista**, [S.l.], v. 11, n. 2, abr. 2021. ISSN 2318-1788. Disponível em: <<https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/324>>. Acesso em: 03 dez. 2023.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.

BIGUELINE, Elen. Uma pequena e breve listagem de autoria feminina brasileira, Elas são autoras que publicaram durante o Século XIX até início do Século XX, 2022. Disponível em: <<https://claudemirpereira.com.br/2022/06/uma-pequena-e-breve-listagem-de-autoria-feminina-brasileira-por-elen-biguelini/>> Acesso em: 15 de jul de 2024

COSTRUBA, D. A. . JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E A LITERATURA DE O LIVRO DAS NOIVAS (1896). *Baleia na rede (UNESP. Marília)* , v. 6, p. 288, 2009.

DOLORES, Carmen. pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Melo (1852-1910). Disponível em: <<https://claudemirpereira.com.br/2023/06/carmen-dolores-pseudonimo-de-emilia-moncorvo-bandeira-de-melo-1852-1910-por-elen-biguelini/>>. Acesso em: 03, Dezembro, 2023.

ENGEL, Magali. Júlia Lopes de Almeida (1862-1934): uma mulher fora de seu tempo?. **La Manzana de la discordia**, Universidad del Valle, Vol. 4, N. 8, p. 25- 32, Dezembro, 2009. Disponível em: file:///home/chronos/u-c06e29880cbee7d71c264cda4133619e38eb9d5d/MyFiles/Downloads/Dialnet-JuliaLopesDeAlmeida18621934-8892909%20(1).pdf. Acesso em: 01 dez. 2023.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos** (1890-1930). Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

FANINI, M. A. Júlia Lopes de Almeida: entre o salão literário e a antessala da Academia Brasileira de Letras. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 14, n. 27, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1941>. Acesso em: 22 nov. 2023.

GALINDO, M. A. Vozes femininas na literatura brasileira entresséculos (XIX-XX): Júlia Lopes de Almeida e A falência. **Opiniões**, [S. l.], n. 18, p. 74-93, 2021. DOI: 10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180072. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180072>. Acesso em: 30 nov. 2023.

MENDONÇA, Cátia Toledo. Júlia Lopes de Almeida: a busca da liberação feminina pela palavra. **Revista Letras**, v. 60, 2003.

MOREIRA, N. M. B. . Júlia Lopes de Almeida: uma trajetória feminina/feminista nas crônicas da Belle époque brasileira. In: Sandra Sacramento. (Org.). **Gênero, identidade e hibridismo cultural: enfoques possíveis**. João Pessoa, Pb.: Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), 2009, v. 01, p. 109-115.

Mulheres Cearenses e o Modo de Fazer Literatura - Sessão I [Setor Obras Raras]. Biblioteca Pública Estadual do Ceará, [s.d.]. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/story/tgUhEZ6Gr3ASWA?hl=pt-BR>>. Acesso em: 03 Dezembro, 2023.

MENDES, Algemira de Macêdo. **Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira** : representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX. 2006. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Um romance emblemático de Júlia Lopes de Almeida: crise e queda de um sistema. **Navegações**, v. 7, n. 2, p. 134-141, 2014.

RIBEIRO, Luis Felipe. **Mulheres de papel**: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. Rio de Janeiro, Niterói : EDUFF, 1996.

TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras, abolicionistas . **Revista de História**, São Paulo, n. 120, p. 73–83, 1989. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i120p73-83. Disponível em:<https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18593>.. Acesso em: 15 jul. 2024.

VALDATI, Nilcéia; BITTENCOURT, Rita. **Ânsia eterna**: Coleção Literatura Brasileira: identidades em movimento. Ed 4. UFFS, 2023. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/institucional/reitoria/editora-uffs/ansia_eterna>. Acessado em: 15/07/2024